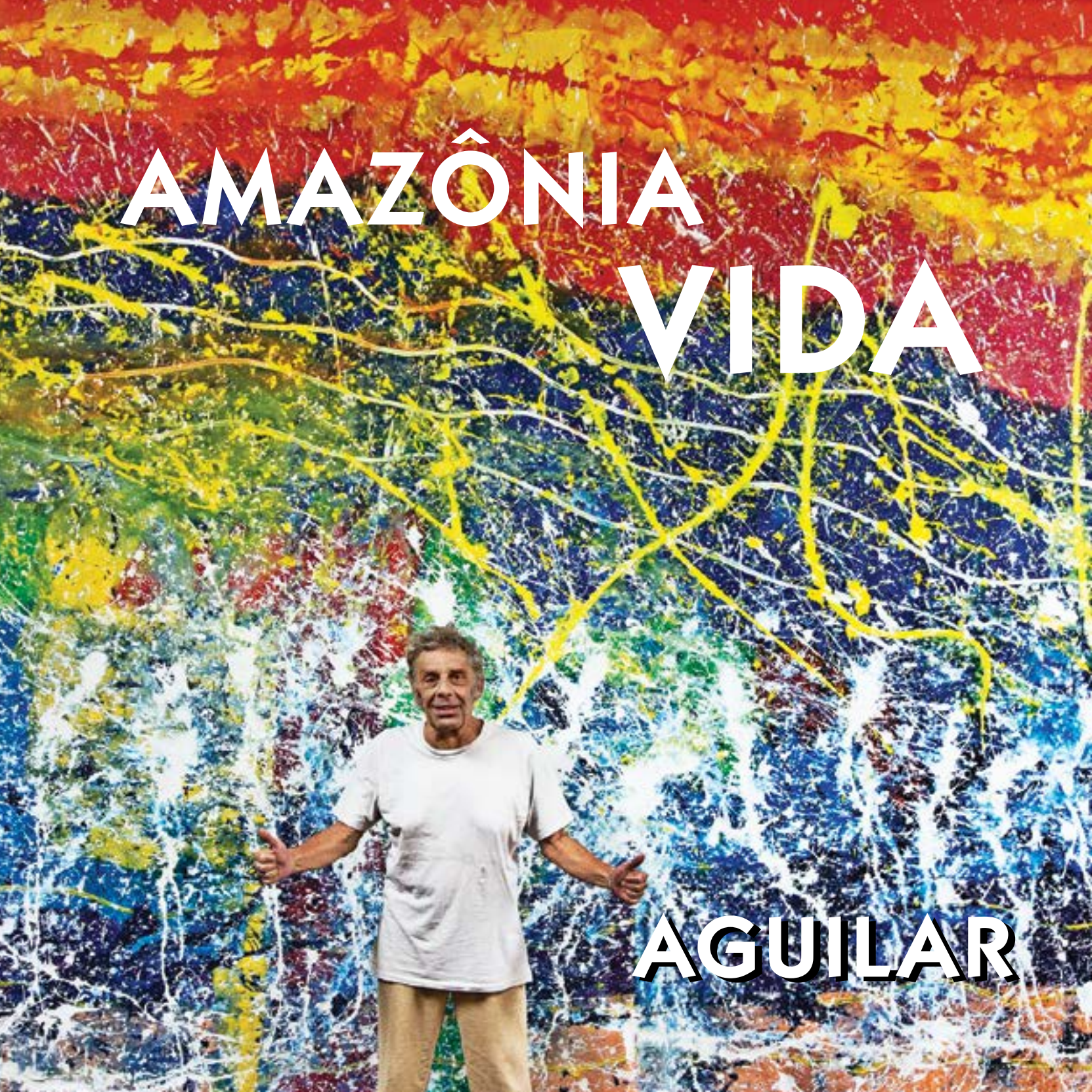
AMAZÔNIA VIDA



AGUILAR

DANGALERIA
INTERIOR

AMAZÔNIA VIDA

AMAZON LIFE

José Roberto Aguilar

Curadoria | Curated by Fábio Magalhães

De 14 de setembro de 2024 a 14 de janeiro 2025

De 29 de março a 29 de maio de 2025



Foto Fernanda Sarmento

Rio Tapajós, dezembro de 2004. Aguilar e seu amigo Pré. | *Tapajós river, december, 2024. Aguilar and his friend Pré.*

Quando a floresta entra dentro de você ela se torna uma companheira sempre presente. Elas se tornam todas as florestas do mundo.
O local geográfico não importa mais.
Ela vicejou dentro de mim.

Isso acontece com todos que fizeram este casamento.
Culturalmente, emocionalmente, existencialmente.
Adotamos uma nova pele. Com a cumplicidade de amigos, caímos dentro da cultura local.

Esta exposição traz a minha visão sobre a Floresta Amazônica e é um chamado para a conservação desse território diante do desmatamento selvagem e predatório causado pela ganância do comércio de madeiras, pelas extensões desmedidas do plantio de sojas e áreas imensas para a criação de gado.

O lema é
A AMAZÔNIA É TERRA QUE PRECISAMOS CONHECER E RESPEITAR.
A AMAZÔNIA É A TERRA QUE NOS MANTÉM VIVOS.

When the forest enters you, it becomes a constant companion.
It becomes all the forests of the world.
The geographic location no longer matters.
It flourished within me.

This happens to everyone who has made this connection—culturally, emotionally, existentially. We adopt a new skin. With the help of friends, we immerse ourselves in the local culture.

This exhibition presents my vision of the Amazon Rainforest and is a call for the conservation of this territory in the face of the wild and predatory deforestation caused by the greed of the timber trade, the uncontrolled expansion of soy plantations, and vast areas for cattle ranching.

The motto is:
THE AMAZON IS LAND WE MUST KNOW AND RESPECT.
THE AMAZON IS THE LAND THAT KEEPS US ALIVE.



Foto Agliberto Lima

RAPSÓDIAS AMAZÔNICAS DE JOSÉ ROBERTO AGUILAR EM ALTER DO CHÃO

RAPSODO DE IMAGENS

Mário Schenberg (1914-1990), físico e crítico de arte, destacava o artista como um dos pioneiros da nova figuração no Brasil, tendência dominante na década dos anos 1960. Nessa época, José Roberto Aguilar pintava com spray e pistola (1965) e, em decorrência deste processo, desenvolveu uma pintura gestual, de fatura ágil e de forte expressão cromática.

Aguilar sempre pintou como um lutador. O embate entre tintas e tela e a coreografia gestual, são atores importantes na construção da sua poética visual. Isto é, o artista desenvolve um verdadeiro corpo a corpo com a tela, numa relação veloz entre pensamento e ação. Basta visitar seu ateliê para perceber que nesses embates pictóricos seus golpes de tinta extravasam, em muito, os limites da tela.

Desde sempre, Aguilar integrou a literatura e a música à sua expressão plástica. Vale ressaltar que o artista é, ele mesmo, escritor e músico. Na juventude participou, com Jorge Mautner e José Agripino de Paula (1937-2007), do grupo performático-literário Kaos que trazia, em si, as sementes para o surgimento do movimento Tropicália (1968). Em 1981, Aguilar lançou o livro A Divina Comédia Brasileira e criou a Banda Performática, grupo musical da contracultura, da qual participaram, entre outros, Paulo Miklos e Arnaldo Antunes.

A primeira gravação (CD) de 1982, com o título Aguilar e a Banda Performática, traz nove canções, entre elas, Você Escolheu Errado o Seu Super-herói, (canção de composição coletiva) que se tornou uma espécie de hino da contracultura, e, também, a canção Estranheleza, de Arnaldo Antunes.

Percebemos na pintura do artista a presença constante de uma gestualidade musical, de uma fabulação. Aguilar introduz conceitos, palavras, textos e letras à sua plástica. A narrativa adquire, muitas vezes, expressão épica, heroica. Haroldo de Campos (1929-2003), que analisou em profundidade a obra de Aguilar, chamou nossa atenção para esse aspecto poético do artista: **"Rapsodo é aquele que urde ou ajunta poemas. Aguilar se apresenta ... como um rapsodo de imagens**".

EXORBITÂNCIAS

"A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria."
Willian Blake (1757-1827)

Em 1991, José Roberto Aguilar realizou uma exposição no Museu de Arte de São Paulo ocupando todo o subsolo do MASP com obras de grande formato. Uma delas, "Hermenêutica" da série Gigantomaquia, possuía vinte metros de altura por quatro metros de largura e, fomos obrigados a apresentá-la em plano inclinado porque a tela havia superado o pé direito do espaço expositivo. Na ocasião, o poeta Haroldo de Campos escreveu - "Desta vez Aguilar ultrapassou as medidas, desmesurou. Partiu para o enorme. Para a exorbitância ...".
Anos mais tarde, na exposição "Rio de Poemas", realizada em 2002, Aguilar confirma a íntima relação com a literatura. Nela, o artista apresentou uma série de pinturas, nas quais interpreta o famoso conto de Guimarães Rosa (1908-1967), "A Terceira Margem do Rio". Miguel Chaia, curador da mostra, chamou atenção para a tela "O rio dos poetas", de quatorze metros de comprimento: *"Neste trabalho, pode-se observar o entrecruzamento do espaço aberto da natureza e da humanidade do conto com o universo das afetividades e referências literárias de Aguilar. O longo rio é todo entrecortado por poemas de Shakespeare, Mallarmé, Ginsberg, Arnaldo Antunes e outros tão caros a Aguilar."*

Um artista na Amazônia

"... Como um rio, que nasce
de outros, sabe seguir
junto com outros
sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro com as águas grandes
o oceano sem fim.
Mudar em movimento, mas
sem deixar de ser o
mesmo ser
que muda.
Como um rio."

*"Como um rio" (Like a River) poem by Thiago de Mello (1926-2022)**

*in "Mormaço na Floresta" (Sultriness in the Forest) published by "Editora Civilização Brasileira" (1981)

Duas décadas atrás (2004), em viagem pelo Pará, José Roberto Aguilar visitou Alter do Chão e ficou deslumbrado com esse povoado situado às margens do rio Tapajós e, sem hesitar, lá montou uma residência-ateliê, que mantem ativa até hoje. Desde então, periodicamente, o artista convive com a comunidade ribeirinha e se relaciona encantado com o desmesurado bioma amazônico. E, assim, sua arte contaminou-se da memória e das vivencias dos povos originários e ribeirinhos, da beleza e da energia exorbitante da floresta e de seus rios.

Às margens do Tapajós, sua poética defrontou-se com um gigantesco ecossistema em estado bruto e diante da imensidão amazônica o artista se deu conta de que havia outra régua de grandeza.

A abordagem do bioma amazônico provoca novas poéticas, agora o artista, de vivência urbana se defronta com um gigante natural – o pulsante bioma da floresta tropical. Em Alter do Chão, a obra de Aguilar procura representar as forças descomunais que se manifestam no ecossistema amazônico. A floresta inculta se apresenta distinta de tudo que o artista havia vivenciado.

Às margens do rio Tapajós Aguilar absorve a luminosidade magnificente das manhãs e as riquezas tonais dos entardeceres; o plúmbeo azulado das chuvas torrenciais; o brilho no azul profundo das noites estreladas. Sua expressão artística penetra na vida oculta da mata, encanta-se com as bromélias, e com a miríades de flores e frutos, com o emaranhado dos cipós, com as aves e os percursos erráticos de seus voos, com o colorido de suas plumagens. E para aprofundar-se no significado do mundo amazônico, Aguilar aproxima-se dos xamãs, guardiões da memória ancestral dos povos originários e capazes de conversar com a ancestralidade, com os espíritos da floresta. E na floresta, é bom que se diga, tudo está intimamente conectado: o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Lá, tudo vive e revive, pois quando fenece, fertiliza, renasce e floresce.

Fábio Magalhães
Agosto 2024

AMAZONIAN RHAPSODIES BY JOSÉ ROBERTO AGUILAR IN "ALTER DO CHÃO" REGION

RHAPSODIST OF IMAGES

Mário Schenberg (1914-1990), physicist and art critic, highlighted the artist as one of the pioneers of the new figuration in Brazil, the dominant trend in the 1960s. At that time, José Roberto Aguilar was painting with spray and airbrush (1965) and, as a result of this process, developed action painting, with swift execution and strong chromatic expression.

Aguilar has always painted like a fighter. The struggle between paint and canvas, and the gestural choreography, are key elements in constructing his visual poetics. That is, the artist engages in a physical battle with the canvas, in a fast-paced relationship between thought and action. Just visit his studio to see that in these pictorial battles, his strokes of paint often overflow beyond the limits of the canvas.

Aguilar has always integrated literature and music into his visual expression. It is worth noting that the artist is himself a writer and musician. In his youth, he participated, with Jorge Mautner and José Agripino de Paula (1937-2007), in the Kaos performance-literary group, which planted the seeds for the Tropicália movement (1968). In 1981, Aguilar released the book "A Divina Comédia Brasileira" (The Brazilian Divine Comedy) and created "A Banda Performática" (The Performative Band), a counterculture musical group that included, among others, Paulo Miklos and Arnaldo Antunes.

The first recording (CD) from 1982, titled "Aguilar e a Banda Performática" (Aguilar and the Performative Band), features nine songs, including "Você Escolheu Errado o Seu Super-Herói" (You Chose the Wrong Superhero), a collectively composed song that became a kind of counterculture anthem, and the song "Estranheleza" (Strangeauty) by Arnaldo Antunes.

We can observe a constant presence of musical gesturality and fabulation in Aguilar's paintings. He introduces concepts, words, texts, and lyrics into his visual art. The narrative often takes on epic, heroic expression. Haroldo de Campos (1929-2003), who deeply analysed Aguilar's work, called attention to this poetic aspect of the artist: ***"A rhapsodist is someone who weaves or gathers poems. Aguilar presents himself… as a rhapsodist of images."***

EXORBITANCES

"The road of excess leads to the palace of wisdom."
William Blake (1757-1827)

In 1991, José Roberto Aguilar held an exhibition at the São Paulo Museum of Art (MASP), occupying the entire basement with large-scale works. One of them, "Hermenêutica" (Hermeneutics) from the "série Gigantomaquia" (Gigantomachy series), was twenty meters high by four meters wide, and we had to present it on an inclined plane because the painting exceeded the ceiling height of the exhibition space.
At the time, poet Haroldo de Campos wrote: "This time, Aguilar went beyond the limits, exceeded them. He aimed for the enormous. For exorbitance…".
Years later, at the "Rio de Poemas" (River of Poems) exhibition held in 2002, Aguilar confirmed his deep relationship with literature. In it, the artist presented a series of paintings interpreting the famous short story by Guimarães Rosa (1908-1967), "A Terceira Margem do Rio" (The Third Bank of the River). Miguel Chaia, the exhibition's curator, highlighted the painting "O Rio dos Poetas" (The River of Poets), fourteen meters long: "In this work, one can observe the intertwining of the open space of nature and the humanity of the short story with Aguilar's universe of affections and literary references. The long river is entirely intersected with poems by Shakespeare, Mallarmé, Ginsberg, Arnaldo Antunes, and others so dear to Aguilar."

An Artist in the Amazon

"…Like a river that is born

from others, it knows how to flow

alongside others

being

and in others extending itself

to create the meeting

with the great waters

the endless ocean.

To change in motion, but

without ceasing to be the

same being

that changes.

Like a river."

*"Como um rio" (Like a River) poem by Thiago de Mello (1926-2022)**

*in "Mormaço na Floresta" (Sultriness in the Forest) published by "Editora Civilização Brasileira" (1981)

Two decades ago (in 2004), while traveling through Pará, José Roberto Aguilar visited Alter do Chão and was captivated by this village on the banks of the Tapajós River. Without hesitation, he set up a residence-studio there, which he keeps active to this day. Since then, the artist has periodically lived among the riverside community, deeply connected with the vast Amazonian biome. Consequently, his art has been infused with the memories and experiences of the indigenous and riverside peoples, as well as the beauty and boundless energy of the forest and its rivers.

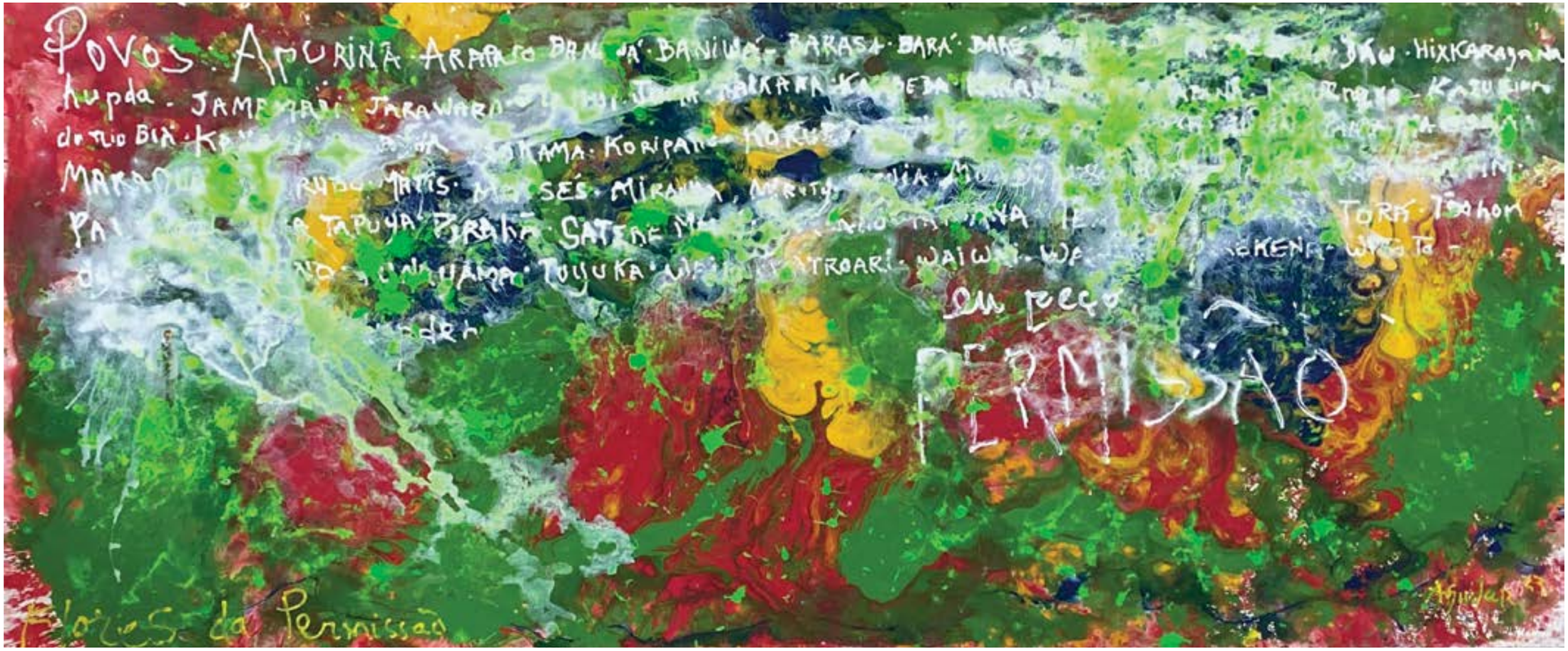
On the banks of the Tapajós, his artistic vision confronted a massive, untouched ecosystem, and in the face of Amazonia's vastness, the artist realized that there was an entirely different measure of grandeur.

Engaging with the Amazonian biome brought forth new poetics, as the artist, accustomed to an urban existence, faced a natural giant – the pulsing biome of the tropical forest. In Alter do Chão, Aguilar's work seeks to represent the overwhelming forces that manifest within the Amazonian ecosystem. The untamed forest presents itself as unlike anything the artist had previously experienced.

On the banks of the Tapajós River, Aguilar absorbs the magnificent brightness of the mornings and the rich tones of the sunsets; the leaden blues of torrential rains; the brilliance of the deep blue, starry nights. His artistic expression delves into the hidden life of the forest, enchanted by bromeliads, the myriad of flowers and fruits, the tangled vines, the birds and their erratic flight paths, and the vibrant colors of their plumage.

To deepen his understanding of the Amazonian world, Aguilar sought out shamans, guardians of the ancestral memory of indigenous peoples, who can communicate with ancestral spirits and the spirits of the forest. And in the forest, it's worth noting, everything is intimately connected: the world of the living and the world of the dead. There, everything lives and revives; when it fades, it fertilizes, is reborn, and flourishes.

Fábio Magalhães
August 2024



Flores da permissão | *Flowers of Permission*, 2023
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,60 x 4,00 m

DEUS SIVE NATURA

GOD, THAT IS, NATURE

DEUS, OU SEJA, A NATUREZA

EU, VOCÊ, AS PLANTAS,
OS ANIMAIS,

ME, YOU, PLANTS, ANIMALS, YOUR

SEU CORPO, SUA MENTE, DEUS

BODY, YOUR MIND, GOD

TUDO É NATUREZA

EVERYTHING IS NATURE

TUDO É UM ABRAÇO

EVERYTHING IS AN EMBRACE

ÉTICA 1650

ETHICS 1650

BARUCH SPINOZA

A PLANTA INVENTA O MUNDO

THE PLANT INVENTS THE WORLD

RIOS VOADORES

FLYING RIVERS

FUNGOS • COGUMELO S •

FUNGI • MUSHROOMS • MYCELIA

SERINGUEIRA RUBBER THREE

O PLANETA • THE PLANET

PERENES E PERECÍVEIS

PERENNIAL AND PERISHABLE

MICÉLIOS

HUMBOLDT

VIDA

LIFE

CLAUDE LÉVI-STRAUSS

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

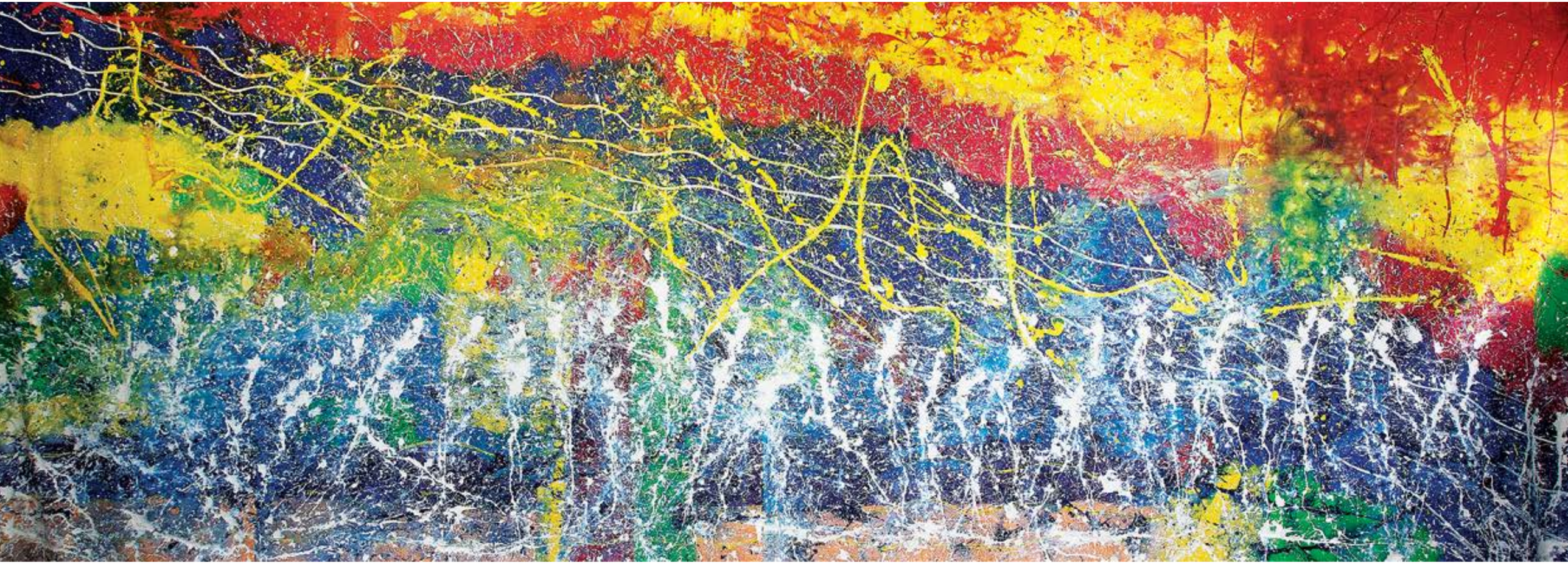
DAVI KOPENAWA E AND BRUCE ALBERT

AIRTON KRENAK

VOCÊ YOU



Gente como a Gente | *People Like Us*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,10 x 8,00 m



Rio Amazonas | *Amazon River*, 2012
Acrílica sobre tela | *Acrylic on canvas*
3,20 x 8,00 m

Foto desta página e da capa: Nelson Aguilar



Rio Tapajós | *Tapajós River*, 2014
Acrílica sobre tela | *Acrylic on canvas*
3,20 x 7,00 m



O Caminho das Algas | *The Path of Algae*, 2022
6 obras medindo 1 x 1 m | *6 works of 1 x 1m*
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,00 x 3,00 m



Água | *Water,* 2023
Esmalte sobre tela | *Enamel on canvas*
2,10 x 3,00 m



Foto Agliberto Lima

INTRODUÇÃO

José Roberto Aguilar

Há cerca de dez anos, iniciei a exposição "Rios Voadores e de Superfície", baseada na minha vivência contínua na Amazônia, morando junto com a minha companheira Fernanda Sarmento, no oeste do Pará, na vila de Alter do Chão, em Santarém.

Lá, tivemos a oportunidade de conhecer as comunidades ribeirinhas de Jamaraquá e Maguari. Ambas trabalham com a extração de látex de seringueiras, com o qual fabricam mantas de borracha. Fernanda, designer, especializada em sustentabilidade, foi dar uma oficina para criar cadernos com capas de látex e outros artefatos. Para a minha felicidade, eu fui junto, e esse contato foi profundamente tocante para mim, que nunca havia experimentado algo assim. Foi a descoberta de uma nova civilização!

ESSA EXPERIÊNCIA FOI A PRIMEIRA VEZ QUE EU VIVENCIEI UM CONFRONTO DE CULTURAS, POIS TODO O MEU APRENDIZADO TINHA INFLUÊNCIA DA CULTURA EUROPEIA COLONIZADORA, enquanto artista nascido na região Sudeste do Brasil.

Então, pela primeira vez, vivenciei na pele a cultura dos povos originários do Brasil. ISSO DESPERTOU EM MIM UM FASCÍNIO

MUITO GRANDE, QUE ME LEVOU A QUERER MERGULHAR CADA VEZ MAIS PROFUNDAMENTE NOS COSTUMES, NAS EXPERIÊNCIAS E NOS ENSINAMENTOS DESSAS PESSOAS que eu estava conhecendo. Caí em uma sociedade diferente da minha e me apaixonei. AO ENTRAR PELA PRIMEIRA VEZ NO RIO TAPAJÓS, SENTI AS ÁGUAS ME ABRAÇAREM E ISSO ME EMOCIONOU A PONTO DE QUERER PASSAR O MESMO SENTIMENTO ATRAVÉS DO MEU TRABALHO.

Quando descobri a possibilidade de pintar com o próprio látex da seringueira, entendi que a pintura surgiria da estética natural e da força das plantas. Em Alter do Chão, os povos de raiz indígena que lá habitam, da etnia Munduruku e Borari têm um sentimento e uma compreensão da natureza absolutamente diferente e, para mim, isso foi uma revolução tão grande porque não é uma coisa mental, é tudo corporal. Desde o movimento até o pensamento.

E na minha pintura, eu mostro a grande consideração que tenho pela Floresta Amazônica e tento não ir para o óbvio. PROCURO TRANSFORMAR A TINTA NUM SENTIMENTO QUE TRAGA A LEMBRANÇA DAS CORES E DA VIBRAÇÃO QUE EU VIVENCIEI NESSA FLORESTA. Me expressar assim com a tinta, tentando capturar algo tão sensível como a sensação de um sentimento, é algo muito verdadeiro, que surge do meu próprio corpo.

Além da minha experiência pessoal na região de Alter do Chão, o que me motivou a iniciar essa produção e exposição, foi ouvir o professor Antônio Nobre explicar sobre os Rios Voadores. Esse fenômeno da natureza consiste na transpiração de bilhões de árvores da Amazônia, que sobe aos céus formando enormes nuvens contendo mais volume de água do que o próprio rio Amazonas.

Estas nuvens, ao encontrarem a barreira da cordilheira dos Andes, voltam para o sudeste do Brasil irrigando zonas do Mato Grosso, da Argentina e de São Paulo. Se não fosse a existência deste processo, essas regiões seriam áridas, lembrando que São Paulo está no mesmo meridiano do deserto do Saara.

Voltava ao Tapajós a cada quatro meses, então a Amazônia também se mudou para São Paulo, resumindo, A FLORESTA ESTAVA DENTRO DE MIM. Pintei muitos quadros com látex da seringueira sobre tela e pintei também roupas de látex, rios de látex, e descobri um fenômeno. A pintura de látex era perecível em comparação com a pintura a óleo e acrílica.

Decidi expressar a pintura da natureza utilizando os dois métodos, chamando a pintura com látex de seringueira de ‘perecível’ e a pintura a óleo de ‘perene’. O perene representaria a natureza como ela é e o perecível representaria àquela destruída pelo homem.
Esta exposição é resultado de vivências na Amazônia, principalmente

no oeste do Pará, nas cercanias de Santarém, em Alter do Chão e em comunidades ribeirinhas dos rios Tapajós e Arapiuns.
Na realidade, isso é mais do que uma exposição de arte.
É MAIS UMA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE.

No ano de 2008, nosso centro de atuação foi em Alter do Chão e acabei descobrindo um fato importante: "QUANDO A FLORESTA ENTRA DENTRO DE VOCÊ, ELA SE TORNA UMA COMPANHEIRA SEMPRE PRESENTE. ELA SE TORNA TODAS AS FLORESTAS DO MUNDO E O LOCAL GEOGRÁFICO NÃO IMPORTA MAIS. ELA VICEJOU DENTRO DE MIM". Isso acontece com todos os que fizeram este casamento. Culturalmente, emocionalmente, existencialmente. Adotamos uma nova pele. Com a cumplicidade de amigos, mergulhamos na cultura local.

Neste meio tempo, aconteceu a trágica epidemia de Covid que, durante dois anos ceifou milhões de vidas e apagou a zona de conforto da humanidade. A ciência deixa de ser onipotente e um dia você está vivo e no outro não mais. Este sentimento criou raízes para um questionamento existencial e cultural. E até mesmo um novo entendimento de temporalidade.

A PALAVRA EVOLUÇÃO DEIXOU DE SER DEIFICADA. E A CRENÇA NA SUPREMACIA DA CULTURA OCIDENTAL FOI ABALADA. UMA ONDA PLURICULTURAL SURGIU, NA QUAL TODAS AS CULTURAS SE ABRAÇAM.

Artistas e pensadores indígenas, negros, orientais, e mesmo nós, ocidentais, podemos mergulhar na cultura do outrem. ATÉ MESMO ENTENDENDO A CULTURA DO PENSAMENTO DAS PLANTAS. ATÉ MESMO A VERTENTE ATEMPORAL, onde a memória é viva. Você pode dialogar com Leonardo da Vinci e Descartes sem o travo do tempo e o conceito difuso de contemporaneidade.

Procurei os rastros do casamento ocidental com a Natureza. O primeiro visionário, ou devo dizer realista, foi o filósofo BARUCH SPINOSA, cuja genialidade se reflete na frase DEUS SIVE NATURA, traduzindo "Deus, ou seja, a Natureza", associando o elo indivisível com o Homem. Isso no século XVII. No século XIX, vamos falar do segundo homem mais famoso deste tempo: ALEXANDER VON HUMBOLT. FOI A PRIMEIRA PESSOA A DESCREVER O FENÔMENO E A CAUSA DA MUDANÇA CLIMÁTICA INDUZIDA PELA HUMANIDADE, em 1800 e 1831, baseado em observações realizadas em suas viagens. Foi uma das influências mais fortes de Charles Darwin. Ele inventou a ecologia. A influência cultural foi enorme, desde Cézanne pintando a natureza "de dentro" até o interesse por novas culturas, como foi o caso de Paul Gauguin e muitos outros.
O mais famoso entre eles foi Napoleão Bonaparte, este não esquecido como Humboldt.
As duas maiores revoluções da História foram conduzidas por estes senhores. Através dos ideais da revolução francesa e dos direitos

universais do cidadão, Napoleão levou a democracia, belicamente, para a Europa monarquista e Humboldt inaugurou os primórdios da luta pelo clima, que agora chega a um momento crucial.

NATUREZA

Abraçar a natureza com o corpo, a mente, cair dentro como parte de um todo. Alguns gênios nos fornecem mapas-caminhos como Stefano Mancuso e Merlin Sheldrake, além de outros. Ou o excelente documentário Fungos Fantásticos (do diretor Louis Schwartzberg, baseado em pesquisas do cientista Paul Stamets) que nos apresenta a gênese da vida ou natureza, nesta dança de 500 milhões de anos, na qual fungos, cogumelos, esporos e micélios iniciam o começo eterno de tudo.

DESCOBRIMOS QUE NÃO SOMOS PROTAGONISTAS, MAS COADJUVANTES, PARTE DE UMA CULTURA ENTRE MILHARES. DESCOBRIMOS QUE NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA, VIDA E MORTE É UMA COISA SÓ.

INTRODUCTION
José Roberto Aguilar

About ten years ago, I started the exhibition "Rios Voadores e de Superfície" (Flying and Surface Rivers), based on my continuous experience in the Amazon, living with my partner Fernanda Sarmento in western Pará, in the village of Alter do Chão, in Santarém.

There, we had the opportunity to get to know the riverside communities of Jamaraquá and Maguari. Both work with the extraction of latex from rubber trees, from which they make rubber blankets. Fernanda, a designer specialized in sustainability, conducted a workshop to create notebooks with latex covers and other items. To my delight, I joined her, and this contact was profoundly touching for me, as I had never experienced anything like it before. It was the discovery of a new civilization!

THIS EXPERIENCE WAS THE FIRST TIME I EXPERIENCED A CULTURAL CLASH, AS ALL MY LEARNING HAD BEEN INFLUENCED BY EUROPEAN COLONIAL CULTURE, as an artist born in the southeastern region of Brazil.

For the first time, I experienced firsthand the culture of Brazil's indigenous peoples. THIS AWAKENED IN ME A GREAT FASCINATION, WHICH LED ME TO WANT TO DIVE DEEPER AND DEEPER INTO

THE CUSTOMS, EXPERIENCES, AND TEACHINGS OF THESE PEOPLE I WAS MEETING. I FOUND MYSELF IN A SOCIETY DIFFERENT FROM MY OWN AND FELL IN LOVE. WHEN I ENTERED THE TAPAJÓS RIVER FOR THE FIRST TIME, I FELT THE WATERS EMBRACING ME, AND IT MOVED ME SO MUCH THAT I WANTED TO CONVEY THE SAME FEELING THROUGH MY WORK.

When I discovered the possibility of painting with latex from rubber trees, I understood that the painting would arise from the natural aesthetics and the strength of the plants. In Alter do Chão, the indigenous-rooted peoples who inhabit the area, of the Munduruku and Borari ethnicities, have a feeling and understanding of nature that is absolutely different. For me, this was such a great revolution because it was not something mental; it was all physical. From movement to thought.

In my painting, I show the deep respect I have for the Amazon Rainforest, and I try to avoid the obvious. I SEEK TO TRANSFORM PAINT INTO A FEELING THAT BRINGS BACK THE MEMORY OF THE COLORS AND THE VIBRATION I EXPERIENCED IN THAT FOREST. Expressing myself this way with paint, trying to capture something as sensitive as the feeling of an emotion, is something very real that comes from my own body.

Besides my personal experience in the Alter do Chão region, what motivated me to begin this production and exhibition was hearing Professor Antônio Nobre explain the concept of Flying Rivers. This natural phenomenon involves the transpiration of billions of trees in the Amazon, which rises into the sky, forming huge clouds that contain more water than the Amazon River itself.

These clouds, when they meet the barrier of the Andes, return to south-eastern Brazil, irrigating areas in Mato Grosso, Argentina, and São Paulo. If it weren't for this process, these regions would be arid, remembering that São Paulo is on the same meridian as the Sahara Desert.

I returned to the Tapajós every four months, so the Amazon also moved to São Paulo. In short, THE FOREST WAS INSIDE ME. I painted many works using latex from the rubber tree on canvas, and I also painted latex clothes, latex rivers, and discovered a phenomenon. The latex painting was perishable compared to oil and acrylic painting.

I decided to express the painting of nature using both methods, calling the rubber tree latex painting 'perishable' and the oil painting 'perennial'. The perennial would represent nature as it is, and the perishable would represent nature destroyed by man.

This exhibition results from experiences in the Amazon, mainly in western Pará, around Santarém, in Alter do Chão, and in riverside communities along the Tapajós and Arapiuns rivers.

In fact, this is more than an art exhibition.
IT IS MORE A STRUGGLE FOR HUMANITY'S SURVIVAL.

In the year 2008, our center of activity was in Alter do Chão, and I ended up discovering an important fact: "WHEN THE FOREST ENTERS INSIDE YOU, IT BECOMES A CONSTANT COMPANION. IT BECOMES ALL THE FORESTS OF THE WORLD, AND THE GEOGRAPHIC LOCATION NO LONGER MATTERS. IT FLOURISHED WITHIN ME." This happens to all who have made this connection—culturally, emotionally, existentially. We adopt a new skin. With the help of friends, we immerse ourselves in the local culture.

In the meantime, the tragic Covid epidemic occurred, which over two years claimed millions of lives and erased humanity's comfort zone. Science ceased to be omnipotent, one day you are alive, and the next, you are not. This feeling took root in an existential and cultural questioning, and even a new understanding of temporality.

THE WORD EVOLUTION STOPPED BEING DEIFIED. AND THE BELIEF IN THE SUPREMACY OF WESTERN CULTURE WAS SHAKEN. A MULTICULTURAL WAVE EMERGED, IN WHICH ALL CULTURES EMBRACE ONE ANOTHER.

Indigenous, Black, and Eastern artists and thinkers, and even we Westerners, can immerse ourselves in others' cultures. EVEN UNDERSTANDING THE CULTURE OF PLANT THOUGHT. EVEN THE TIMELESS STRAND, where memory is alive. You can dialogue with Leonardo da Vinci and Descartes without the constraints of time and the diffuse concept of contemporaneity.

I sought traces of the Western union with Nature. The first visionary, or should I say realist, was the philosopher BARUCH SPINOZA, whose genius is reflected in the phrase DEUS SIVE NATURA, translated into "God, that is, Nature," associating the indivisible link with Man. That was in the 17th century. In the 19th century, we can speak of the second most famous man of this time: ALEXANDER VON HUMBOLDT. HE WAS THE FIRST PERSON TO DESCRIBE THE PHENOMENON AND THE CAUSE OF HUMAN-INDUCED CLIMATE CHANGE, in 1800 and 1831, based on observations made during his travels. He was one of Charles Darwin's strongest influences. He invented ecology. His cultural influence was enormous, from Cézanne painting nature "from within" to the interest in new cultures, as in the case of Paul Gauguin and many others. The most famous among them was Napoleon Bonaparte, not forgotten like Humboldt. The two greatest revolutions in history were led by these men. Through the ideals of the French Revolution and the

NATURE

Embrace nature with your body, mind, and dive in as part of a whole. Some geniuses provide us with road maps, such as Stefano Mancuso and Merlin Sheldrake, among others. Or the excellent documentary Fantastic Fungi (by director Louis Schwartzberg, based on research by scientist Paul Stamets), which presents us with the genesis of life or nature, in this 500-million-year dance, in which fungi, mushrooms, spores, and mycelia initiate the eternal beginning of everything.

WE DISCOVERED THAT WE ARE NOT PROTAGONISTS, BUT SUPPORTING CHARACTERS, PART OF A CULTURE AMONG THOUSANDS. WE DISCOVERED THAT NOTHING IS LOST, EVERYTHING TRANSFORMS, LIFE AND DEATH ARE ONE.

O NASCIMENTO DA NATUREZA | THE BIRTH OF NATURE



Amanhecer | *Dawn*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Meio-dia | *Noon*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Anoitecer no Povo da Floresta | *Dusk in the People of the Forest*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Nascimento da Natureza 2 | *Birth of Nature 2*, 2022
Esmalte sobre tela | *Enamel on canvas*
1,50 x 1,50 m



Nascimento da Natureza 3 | *Birth of Nature 3*, 2022
Esmalte sobre tela | *Enamel on canvas*
1,50 x 1,50 m



Céu Amazônico | *Amazonian Sky,* 2023
Esmalte sobre tela | *Enamel on canvas*
2,10 x 6,00 m

FLORES DE HUMBOLDT | HUMBOLDT FLOWERS



Flor de Humboldt 1 | *Humboldt Flower 1*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Flor de Humboldt 2 | *Humboldt Flower 2*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Flor de Humboldt 3 | *Humboldt Flower 3*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Flor de Humboldt 4 | *Humboldt Flower 4*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Flor de Humboldt 5 | *Flor de Humboldt Flowers 5*, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Flor de Humboldt 6 | *Humboldt Flower 6,* 2023
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Entardecer do Xamã 4 | Shaman's Dusk 4, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Xamã 5 | *Shaman 5*, 2023
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Flor do Anti-herói | *Anti-hero's Flower*, 2023
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,00 x 1,00 m



Seringueira amarela | *Yellow Rubber Tree*, 2015
Acrílica sobre tela | *Acrylic on canvas*
1,00 x 1,00 m



Seringueira verde | *Green Rubber Tree*, 2015
Acrílica sobre tela | *Acrylic on canvas*
1,00 x 1,00 m



Seringueira laranja | *Orange Rubber Tree*, 2015
Acrílica sobre tela | *Acrylic on canvas*
1,00 x 1,00 m



Seringueira azul | *Blue Rubber Tree*, 2015
Acrílica sobre tela | *Acrylic on canvas*
1,00 x 1,00 m

FLORES DE SPINOZA

SPINOZA
FLOWERS



Flor de Spinoza 1
Spinoza Flower 1, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela
Acrylic and enamel on canvas
2,10 x 1,50 m



Flor de Spinoza 2
Spinoza Flower 2, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela
Acrylic and enamel on canvas
2,10 x 1,50 m



Flor de Spinoza 4
Spinoza Flower 4, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela
Acrylic and enamel on canvas
2,10 x 1,50 m



Flor de Spinoza 5
Spinoza Flower 5, 2022
Acrílica e esmalte sobre tela
Acrylic and enamel on canvas
2,10 x 1,50 m

COGUMELOS
OS GUARDIÕES
DA FLORESTA

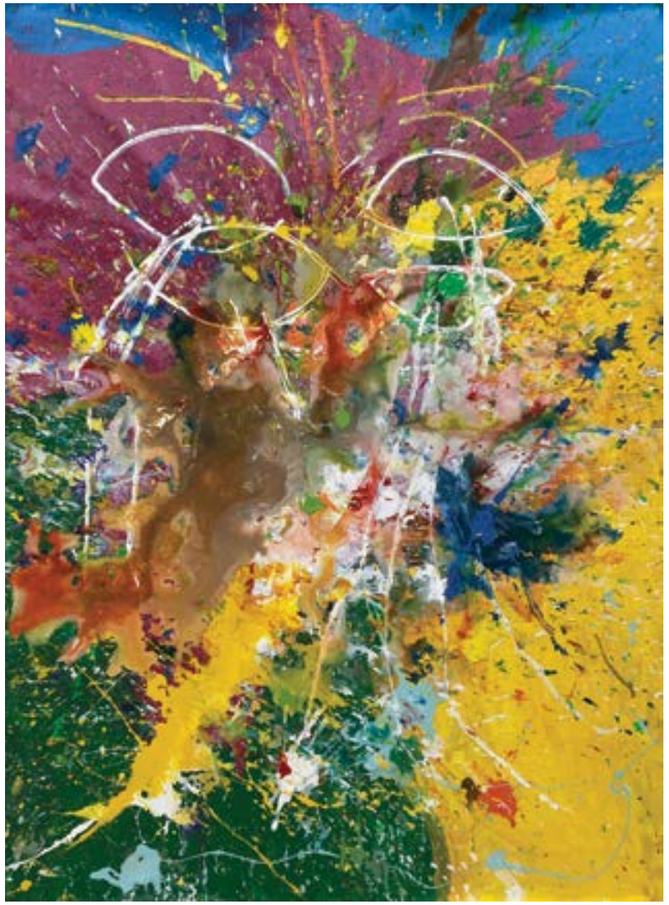
MUSHROOMS
THE GUARDIANS
FROM THE FOREST



Cogumelos 1 | *Mushrooms 1*, 2021
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,10 x 1,40 m



Cogumelos 2 | *Mushrooms 2*, 2021
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,10 x 1,40 m



Cogumelos 3 | *Mushrooms 3*, 2021
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,10 x 1,40 m



Cogumelos 4 | *Mushrooms 4*, 2021
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,10 x 1,40 m



A Dança Sagrada do Pajé | *The Sacred Dance of the Shaman*, 2024
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
1,61 x 4,14 m



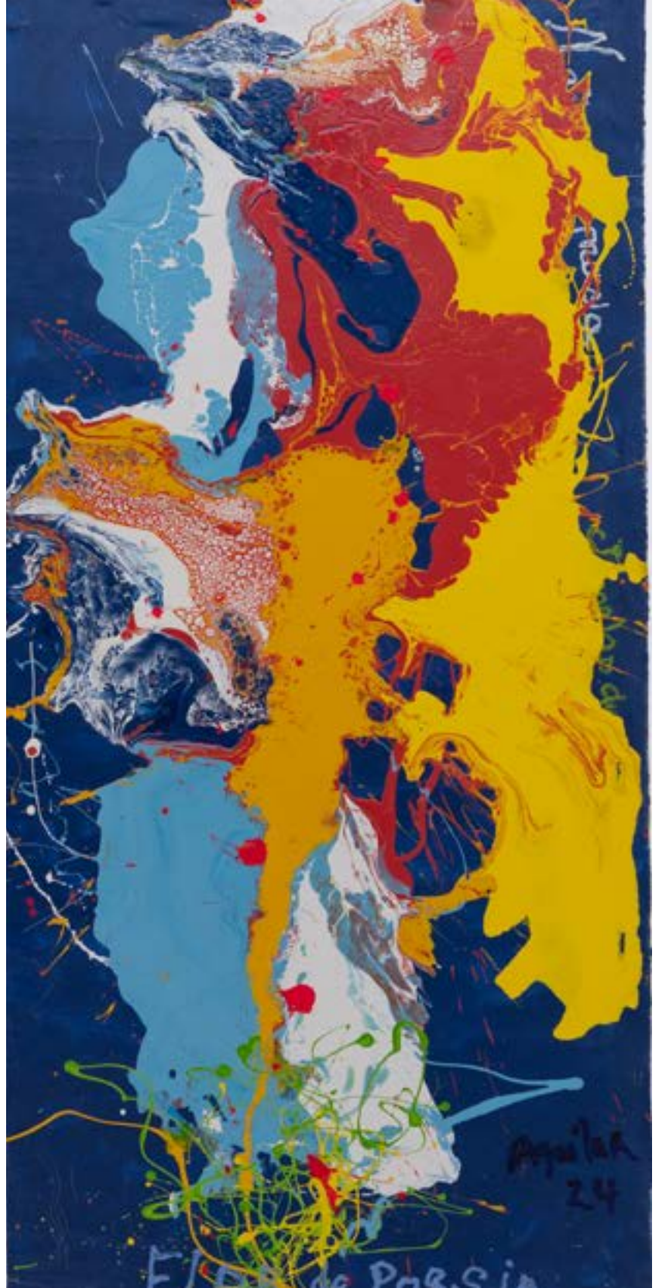
As Chuvas Inventaram as Cores | *The Rain Invented the Colours*, 2025
Esmalte sobre tela | *Enamel on canvas*
2,10 x 7,80 m



Pajé se transforma em ave | *Shaman transforms into a bird*, 2025
Esmalte sobre tela | *Enamel on canvas*
2,10 x 2,03 m



O anjo levanta vôo | *The angel takes flight*, 2025
Acrílica e esmalte sobre tela | *Acrylic and enamel on canvas*
2,10 x 1,85 m



Flor de poesia | *Flower of poetry*, 2025
Acrílica e esmalte sobre tela
Acrylic and enamel on canvas
2,10 x 1,00 m



DAN GALERIA CONTEMPORÂNEA | 2025







DAN GALERIA INTERIOR | 2024

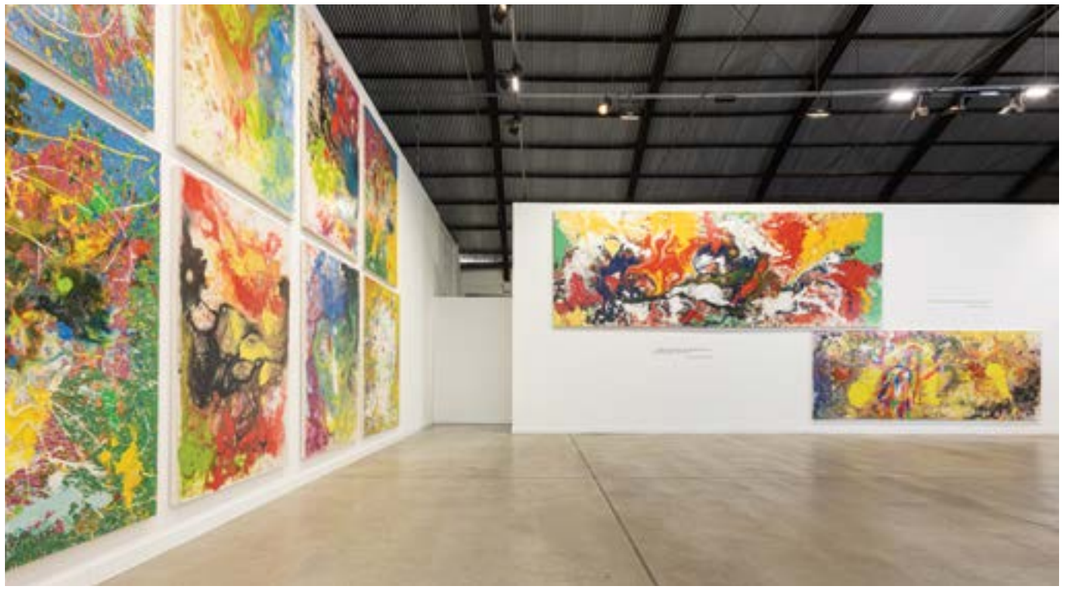

Povos
Flores da Permissão

















Artista plástico, escritor, compositor, performer e gestor cultural, Aguilar é considerado um dos maiores expoentes vivos da cultura contemporânea brasileira, com uma vasta produção artística e cultural. Entrou na cena artística brasileira no início dos anos 1960, quando foi selecionado para participar com três pinturas na VII Bienal São Paulo. A partir daí integra as mais importantes manifestações artísticas do país. Seus trabalhos e intervenções ao longo de seis décadas vão desde a pintura – passando por vídeoarte, videoinstalação, performances – à liderança da Banda Performática.

Participou de várias edições da Bienal de Arte de São Paulo e realizou inúmeras exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Suas pinturas estão presentes no acervo de museus no Brasil e no exterior (Museu de Arte Moderna – Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea - São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea - Niterói, Museu de Arte Brasileira -SP, Hara Museum-Japan, Austin Museum of Art-US) e também integram importantes coleções particulares.

Em meados nos anos 1990 tornou-se diretor da Casa das Rosas, dinamizando aquele espaço cultural com grandes exposições sobre cultura brasileira (1996-2002) e iniciativas pioneiras com arte e tecnologia. A sua atuação como gestor cultural fez com que fosse convidado pelo então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, para ser o representante do Ministério da Cultura em São Paulo (2004-2007).

Desde o início dos anos 2000 criou diversos trabalhos inspirados na Amazônia, onde mantém contato com comunidades locais próximas ao rio Tapajós e na paradisíaca vila de Alter do Chão.
Nesse vasto e mágico território, iniciou suas experiências com o látex, a seiva das seringueiras, com reflexões sobre o perene e o perecível, a vida e a conservação da natureza.
Além das obras que fazem parte da exposição VIDA, Aguilar produziu a instalação Barco Voador e co-dirigiu o filme-instalação O Olhar do Boto.

José Roberto Aguilar utiliza uma ampla gama de mídias para atingir seus objetivos e colocar suas ideias em prática. Nasceu em São Paulo, em 1941, no bairro da Bela Vista, onde tem sua residência e atelier.

www.joserobertoaguilar.com.br | instagram: aguilar.arte



Visual artist, writer, composer, performer, and cultural manager, Aguilar is considered one of the greatest living exponents of contemporary Brazilian culture, with a vast artistic and cultural production. He entered the Brazilian art scene in the early 1960s when he was selected to participate with three paintings in the 7th São Paulo Biennial. From then on, he took part in the most important artistic manifestations in the country. His works and interventions over six decades range from painting — passing through video art, video installation, performances — to leading the musical group "A Banda Performática" (The Performative Band).

He has participated in several editions of the São Paulo Art Biennial and held numerous solo and group exhibitions in Brazil and abroad. His paintings are part of the collections of museums in Brazil and abroad (Museum of Modern Art - Rio de Janeiro, Museum of Contemporary Art - São Paulo, Pinacoteca of the State of São Paulo, Museum of Contemporary Art - Niterói, Museum of Brazilian Art - São Paulo, Hara Museum - Japan, Austin Museum of Art - US) and also form part of important private collections.
In the mid-1990s, he became director of Casa das Rosas, energizing that cultural space with major exhibitions on Brazilian culture (1996-2002) and pioneering initiatives in art and technology. His work as a cultural manager led to his being invited by then Minister of Culture, Gilberto Gil, to be the representative of the Ministry of Culture in São Paulo (2004-2007).

Since the early 2000s, he has created various works inspired by the Amazon, where he maintains contact with local communities near the Tapajós River and in the paradise village of Alter do Chão. In this vast and magical territory, he began his experiences with latex, the sap of rubber trees, reflecting on the perennial and the perishable, life and nature conservation.

In addition to the works that are part of the VIDA (LIFE) exhibition, Aguilar produced the installation "Barco Voador" (Flying Boat) and co-directed the film-installation "O Olhar do Boto" (The Look of the Porpoise).

José Roberto Aguilar uses a wide range of media to achieve his goals and put his ideas into practice. He was born in São Paulo in 1941, in the Bela Vista neighborhood, where he has his residence and studio.

www.joserobertoaguilar.com.br | instagram: aguilar.arte

FICHA TÉCNICA

Realização | *Produced by*
DANGaleria

Artista | *Artist*
José Roberto Aguilar

Curadoria | *Curator*
Fábio Magalhães

Direção | *Direction*
Cristina Delanhesi

Espaço Expográfico | *Gallery Space*
Ulisses Cohn

Produção Executiva | *Executive Production*
Jéssica Alves

Montadores | *Installers*
Felipe Soranz
João Cazzaniga
Wanderley Santos da Silva

Revisão de textos | *Text Revision*
Robson Mendes

Versão em inglês | *English Version*
Katz Rochlitz

Simulação em 3D da Exposição | 3D Simulation of the Exhibition
Adriano Peoh

Design Gráfico | *Graphic Design*
Fernanda Sarmento

Fotografia e vídeo | *Photography and Video*
João Cazzaniga

Foto da capa do catálogo | *Catalog Cover Photo*
Nelson Aguilar

Logística | *Logistics*
Michelle Guedes

Transporte das Obras | *Artwork Transportation*
Edmilson Breda
Wellington Sousa

Agradecimentos | *Acknowledgments*
NucleoTCM

Diretoria DAN Galeria | *DAN Galeria Directors*
Peter Cohn
Ulisses Cohn
Flavio Cohn

www.dangaleria.com.br
@dangaleria
@dangaleriainterior



DAN GALERIA INTERIOR
Av. Ireno da Silva Venâncio, 199
Votorantim - SP - Brasil 18111-100
@dangaleriainterior
www.dangaleria.com.br



DAN GALERIA
Rua Estados Unidos 1638
São Paulo - SP - Brasil 101427-002
@dangaleria
www.dangaleria.com.br



DAN GALERIA SALA SÃO PEDRO
Rua Padre Bartolomeu Tadei, 9
Itu - SP - Brasil 13300-190
@dangaleriainterior
www.dangaleria.com.br



DAN GALERIA CONTEMPORÂNEA
Rua Amauri, 73
São Paulo - SP - Brasil 01448-000
@dangaleria
www.dangaleria.com.br

